



O caminho da mistagogia: uma mística para os nossos tempos

The mystagogy pathway: a mystique for our times

Rosemary Fernandes Costa*

Resumo

Nos primeiros séculos da Igreja nascente encontramos uma experiência fontal vivida pela Igreja dos primórdios: a mistagogia. Nesse período da história da Igreja, a pedagogia que inspira os Padres da Igreja é a mistagogia, ou seja, a pedagogia do Mistério. Acreditamos que na experiência mistagógica, vivida na Igreja nos séculos III e IV, encontra-se uma fonte fecunda que pode ser paradigmática em relação às experiências religiosas contemporâneas. Convidamos o leitor a caminhar conosco pela mistagogia própria dos primeiros séculos da trajetória cristã: a mistagogia. A mistagogia nos chega como uma pedagogia fontal, que pode ser paradigmática para um processo de abertura e diálogo com as novas subjetividades e intersubjetividades em construção. A mistagogia experimentada nos primeiros tempos do cristianismo torna-se um lugar teológico que dialoga com nossos tempos, um diálogo entre a teologia fontal, primeira, e a teologia de hoje, reflexão segunda.

Palavras-chave: Mistagogia. Pedagogia da fé. Mística. Espiritualidade. Modernidade.

Abstract

In the early centuries of the nascent Church, we find a fountain experience lived by the Church at its beginnings: mystagogy. In this period of the Church's history, the pedagogy which inspires the Church Fathers is mystagogy, that is, the pedagogy of Mystery. We believe that in the mystagogy experience, lived in the Church in the 3rd and 4th centuries, one finds a fruitful fountain which may be paradigmatic with regard to the contemporary religious experiences. We invite the reader to walk with us along the pedagogy that is characteristic of the early centuries of the Christian route: mystagogy. Mystagogy reaches us as fountain pedagogy, which may be paradigmatic for an opening process and dialogue with the new subjectivities and intersubjectivities under construction. The mystagogy experienced in the early days of Christianity becomes a theological place which dialogues with our times, a dialogue between the fountain theology, foremost, and the theology of nowadays, a second reflection.

Key words: Mystagogy. Pedagogy of faith. Mystique. Spirituality. Modernity.

Artigo recebido em 30 de julho de 2012 e aprovado em 26 de setembro de 2012.

*Doutora em Teologia pela PUC Rio (2008) e bacharel em Filosofia pela UERJ (1984). Professora da PUC Rio, do Colégio Estadual Heitor Lira e do Colégio Teresiano. País de origem: Brasil. E-mail: rosenandescosta@gmail.com.

Introdução

Nos primeiros tempos da Igreja, a mistagogia era considerada um tempo forte e determinante para o conhecimento e para a adesão à fé. Em sua concepção de iniciação religiosa, os Padres da Igreja indicavam essa trajetória como um caminho de introdução, abertura e diálogo com o Mistério, um caminho vital e de integração do ser humano em suas muitas dimensões. A mistagogia era compreendida como o fundamento e o caminho desse processo de iniciação religiosa. Ela era o grande referencial que inspirava e iluminava esse processo determinando a iniciativa, a centralidade e a meta do processo na dinâmica da revelação entre Deus e a humanidade. O princípio fundante e dinamizador do caminho é o próprio Deus que se revela na história a cada homem e mulher, em seu tempo e lugar.

Ter a mistagogia como referência para as experiências religiosas atuais implica uma atitude permanente de abertura e contemplação do Mistério divino que vem de dentro de cada fiel e de toda a comunidade do povo santo de Deus. Participar do Mistério é abrir-se à dinâmica da revelação de Deus aos homens e mulheres de cada tempo. Deus é o Mistério que se revela, ao qual se é conduzido pedagógica e amorosamente. Mistério que se interpreta com categorias que se entrecruzam e produzem significado e sentido, de ordem hermenêutica e simbólica. Mistério que se revela, mas não se esgota, interpelando incessantemente os projetos pessoais e comunitários a ser fecundados pelo amor pascal, criador e libertador.

Teria a mistagogia, experimentada há tantos séculos, sentido e pertinência nos tempos atuais? Nossa intuição teológico-pastoral se firma na certeza de que a proximidade com as fontes da Igreja primitiva nos conduz, como mistagoga, a refazermos o caminho da experiência do mistério revelado.

Após essa etapa, gostaríamos de propor um diálogo entre esses dois

momentos historicamente tão distantes: o berço da patrística e a teologia contemporânea, entre a teologia fontal, firmada pelos Padres da Igreja em suas comunidades, e a teologia que se abre ao diálogo com seu tempo, nas comunidades atuais. As comunidades locais podem participar dessa caminhada, beber nessa fonte, procurar responder ao dinamismo da Revelação segundo as situações concretas com as quais dialogam e experimentar, também hoje, a mistagogia que fundou e referendou esses primeiros tempos. Em suma, um diálogo entre a teologia fontal, primeira, e a teologia de hoje, reflexão segunda.

1 No novo tempo, uma mística fecunda

Pessoa e comunidade estão inseridas na sociedade, sob o influxo de mudanças paradigmáticas que redirecionam valores e escolhas fundamentais humanas e sociais. O centramento no indivíduo, no pensamento racional, nas relações transitórias, na busca pela ciência e pela tecnologia, vem dando lugar a novas formas de construção de subjetividades. A realidade não se apresenta uniforme, mas multifacetada; não é linear, mas, sim, complexa. Além disso, a concepção de pessoa foi afetada por essa nova percepção. A pessoa não é a medida de si mesma, não constitui sua identidade de forma isolada, mas, ao contrário, por meio de suas relações interpessoais e com o meio ambiente.

Alguns pensadores da antropologia teológica, da filosofia e da sociologia serão coincidentes no tema da abertura para o diálogo, para a alteridade, para a dinâmica da intersubjetividade, como um novo fundamento para a existência da pessoa e sua orientação fundamental. A crise da racionalidade moderna e antropocêntrica é mola propulsora de novas transformações. Nesse movimento ocorrem novas construções conceituais no que diz respeito à tradição e ao lugar da experiência subjetiva na dinâmica comunitária. Antes julgada como defasada, a tradição passa a ser incorporada às práticas presentes de uma forma dialógica e criativa. A subjetividade compreendida como identidade, autonomia e liberdade

também é alertada de seu dinamismo dialógico, gerado nas trocas de significados, em uma circularidade hermenêutica e fundadora de novos significados.

Não se manteve à parte desse processo a dimensão da religiosidade, do encontro com o Transcendente, as instituições religiosas, os grupos de reflexão e oração, a experiência de transmissão da fé no âmbito familiar, educativo e comunitário. Todo esse panorama interpela os grupos que refletem sobre o tema da espiritualidade em uma perspectiva de antropologia integral. É nesse ponto que gostaríamos de dar uma pequena colaboração através do resgate de uma experiência que teve seu berço na Igreja dos primeiros tempos e que nos parece uma fonte para dialogar com os tempos atuais: a mistagogia.

2 Um princípio fundante e dinâmico

No catecumenato antigo, especialmente no final do século III e início do século IV, o processo de iniciação foi compreendido como um caminho de introdução, abertura e diálogo com o Mistério de Deus. O princípio que fundamenta e dinamiza esse caminho é o próprio Deus que se revela na história a cada homem e mulher, em seu tempo e lugar.

Observamos que, nessa compreensão, a espiritualidade, a liturgia e a pedagogia são dimensões integradas no caminho de iniciação. Qual seria o elemento que embasa e integra essas três dimensões do processo de iniciação cristã? A relação dialógica entre essas três dimensões ocorre porque os Padres da Igreja possuem uma teologia de fundo: a mistagogia.

O termo mistagogia tem sua origem em dois vocábulos gregos: *mystes*, que significa mistério, e *agein*, que significa conduzir. Mistagogia vai adquirir o sentido de *conduzir através do mistério, iniciar ao conhecimento do mistério*. Segundo Schreiber, esse novo termo, construído na conjugação desses dois vocábulos, carrega, em si, um sentido profundo: o enraizamento no conceito de mistério e a

ação mediadora, na aproximação a esse mesmo mistério (SCHREIBER, 1964, p. 363).

O termo “mistério” aponta uma realidade desconhecida, íntima, oculta, uma presença por se revelar. No cristianismo, o Mistério de Deus se revela à humanidade e convida a uma abertura existencial, que conduz tudo e todos à plena realização. É a História da Salvação, plenificada na encarnação, na redenção, na Páscoa de Jesus. É o Mistério pascal, ou Mistério de Cristo, Mistério da fé. Para os Padres da Igreja, a mistagogia consiste nesse dinamismo que alinhava dialogicamente o Mistério revelado, a ação mediadora, a comunidade dos iniciados e o iniciante.

Compreendida como fundamento e caminho do processo de iniciação cristã, a mistagogia é teologia, mas também é pedagogia. No horizonte sapiencial dos Padres da Igreja, a mistagogia é a teologia que fundamenta suas reflexões e sua compreensão de iniciação. É pedagogia porque é mediação entre a ação divina e a realidade pessoal, histórica e social. A mistagogia se dá a partir do diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa e com cada comunidade e que se torna como que um eco dessa autocomunicação divina.

Na teologia dos Padres, encontramos duas constantes da concepção de mistagogia que se consagraram e inspiraram o Magistério eclesial e suas orientações: a liturgia sacramental e sua explicação teológica. Segundo Floristán Samanes (1989, p. 217), essas dimensões não possuem uma hierarquia, mas, sim, uma correlação intensa, dinâmica, incessante.

No entanto, para além desses dois elementos acessíveis na teologia dos Padres encontramos outros sentidos igualmente relevantes para compreender a mistagogia como fundamento teológico de suas reflexões e ações litúrgico-

pastorais. Elencamos abaixo diversos sentidos para a mistagogia, a partir dos termos encontrados nas obras patrísticas dos séculos III e IV¹:

- iniciação ao Mistério;
- instrução nos Mistérios divinos;
- exposição dos significados da Sagrada Escritura;
- orientação, guia no caminho misterioso de Deus;
- o próprio Mistério que se revela;
- a própria Sagrada Escritura;
- ação sacramental – Batismo e Eucaristia;
- celebrações dos ritos;
- o tempo da Páscoa, incluindo o período quaresmal;
- princípio fundante e dinâmico do sacerdócio;
- Povo de Deus a caminho;
- Igreja, sacramento de Cristo no mundo.

Desejamos enfatizar que, para os Padres da Igreja, a mistagogia é um eixo diferente do eixo catequético. É a referência central de sua teologia, a partir da experiência espiritual da comunidade de fiéis, que tem sua razão de ser na vivência, sempre mais profunda, do caminho místico, do encontro pessoal e comunitário com o mistério revelado.

A mistagogia nos Padres dos séculos III e IV não é um conceito que se esgota nas categorias teológicas. A mistagogia é um fundamento e uma experiência na qual se entra e se caminha até o encontro definitivo de toda a Criação em Deus. Sublinhamos o processo dialógico da Revelação, entre Deus e a pessoa humana.

Na teologia contemporânea, é K. Rahner quem resgata a pedagogia do Mistério e nos fala da presença da mistagogia nos processos de transmissão e

¹ T. Federici (1985), em seu trabalho *La mistagogia della Chiesa*, apresenta um esquema global detalhado do conteúdo mistagógico nos Padres da Igreja. Outro esquema excelente se encontra em Bornert (1966).

experiência da fé, como uma dinâmica na qual o anúncio da fé dialoga com as condições e com as questões que a pessoa humana traz em si. Dinâmica esta que não se limita às exposições doutrinárias, mas dialoga com a busca da verdade experimentada na vida e na comunidade eclesial. Para K. Rahner (1978), se a evangelização se detiver na dimensão doutrinária estará errando gravemente, estará indo contra sua própria essência, pois a mistagogia é um “apelo irrompido do mais íntimo âmago da pessoa humana agraciada”.

Em consonância com a experiência da Igreja primitiva, K. Rahner afirma que é a mistagogia que orienta para que a dimensão de espiritualidade não seja compreendida como doutrinária, como se o anúncio viesse de fora para dentro, do orientador para o ouvinte. A perspectiva mistagógica considera que o anúncio feito pelo orientador levanta questões que o iniciante já traz em seu íntimo.

A mistagogia é, portanto, compreendida como caminho. Um caminho que tem seu princípio ativo na própria iniciativa divina e na abertura livre da pessoa a esse processo. Além disso, é uma realidade dinâmica que envolve a pessoa e a comunidade.

3 Dialogando com nosso tempo

O diálogo que estamos propondo entre a mistagogia dos Padres da Igreja e o seu resgate em nosso contexto encontra pontos de contato e pontos de distanciamento, próprios do contexto histórico e teológico de cada tempo. Respeitando o distanciamento histórico dos dois contextos, abrimos um diálogo não apenas de natureza teológica entre essas duas realidades, mas, também, interdisciplinar, entre a teologia e as ciências humanas.

Sabemos que estamos diante de um tema de extrema complexidade para as fronteiras deste estudo, portanto, delimitaremos humildemente nossa reflexão a partir de duas questões fundamentais: a antropologia integral, que percebe o ser

humano como ser relacional e dinâmico, e a importância das relações intersubjetivas, ou seja, da comunidade como lugar de trocas, revisões, interpretações e novos significados. Devido a esses pressupostos, fomos em busca de pensadores de nosso tempo, das áreas da filosofia e da sociologia, que se debruçam sobre questões presentes nessa reflexão, mesmo que não com o foco na espiritualidade.

Nosso caminhar pelas áreas da filosofia e da sociologia visa a pontuar as possibilidades que o nosso tempo apresenta para que a experiência mistagógica se torne orientação e caminho para as experiências religiosas contemporâneas.

Dentre os muitos pensadores que poderíamos trazer para esse diálogo, encontramos importantes subsídios nas abordagens de Habermas (1987), Santos (1997), Lash (1997a; 1997b), Lyotard, Derrida, Giddens e Beck². Esses autores trabalham com categorias basilares para nossa reflexão – a relação pessoa-tradição, a construção das narrativas de sentido e as comunidades interpretativas.

Habermas, tendo por base as reflexões da Escola de Frankfurt, leva em consideração a possibilidade de uma recuperação cultural da razão como fonte para o resgate da ética e de um olhar crítico em relação à razão técnico-instrumental. Habermas propõe um agir intersubjetivo, uma interação vital entre as pessoas e as sociedades. Ainda nessa direção, Habermas pondera que essa interação comunicativa se dá por intermédio de reflexões e partilhas que têm por base o agir dialógico, intersubjetivo. Contudo, essas significações compartilhadas pressupõem a existência de práticas igualmente experimentadas, com propósitos afins. Será através das práticas experimentadas pelos protagonistas desse agir intersubjetivo que as representações assumem seus significados.

² Respeitando os limites deste artigo, trabalharemos esses pensadores a partir da leitura e análise de três obras que orientarão nossa reflexão. As reflexões de Derrida serão abordadas a partir da leitura do sociólogo Kumar (1997), em seu excelente estudo sobre o tema Pós-Modernidade. O segundo trabalho que nos orientará na questão filosófica será do teólogo Oliveira (2003). Para a abordagem sociológica, privilegamos a obra organizada por A. Giddens (1991).

O pensamento de Lash (1997a, p. 188) confirma a análise de Habermas: “Neste contexto, as práticas compartilhadas têm objetivos ou um *telos* que as orienta e que são estabelecidas internamente à prática”. São parcerias que envolvem significações, práticas e obrigações compartilhadas. A partir do pensamento do Giddens, os autores Beck e Lash afirmam que os sujeitos principais dessa inter-relação são as próprias pessoas, em sua construção pessoal e configuração coletiva, sejam elas cientistas, pessoas comuns, especialistas em grupos institucionais ou não. É um processo que instaura uma democracia dialógica, a partir das experiências comuns e dos significados comunicados e construídos conjuntamente (BECK, 1997, p. 208; 240).

Boaventura Santos considera que está ocorrendo uma passagem, que vai da ideia de sujeito – único e soberano – à que estabelece uma rede de relações, onde se combinam várias subjetividades. Há um dinamismo que envolve a interação constante entre pessoas e grupos, configurando um movimento de autonomia e libertação, de desconstrução e novas reconstruções significativas. Essas relações intersubjetivas implicam um relacionamento entre pessoas, entre mundos com significados compartilhados (SANTOS, 1997, p. 107).

Segundo a análise desses autores, percebe-se o emergir de uma nova subjetividade, gerada na dinâmica das intersubjetividades, que contrasta com a perspectiva fragmentada e atomizada do ser humano predominante na ciência moderna. Além disso, inicia-se um processo de superação do individualismo radical com suas consequências, e entra em cena a perspectiva de abertura, a relação dialógica, resultado da imbricada inter-relação abrangente e sistêmica.

O filósofo Lyotard (1986, p. 69), afirma que nosso contexto cultural não pode mais ser analisado com base apenas em um discurso lógico e linear. Não há mais estabilidade de ideias nem absolutos a reger o comportamento social. As mudanças são constantes, cotidianas, e afetam tanto a vida particular como toda a comunidade humana. No entanto, uma perspectiva bastante positiva

surge a partir dessa nova dinâmica de construção de conceitos. Sem o suporte dos discursos universalizantes e hegemônicos, próprios do paradigma pré-moderno, abre-se espaço para infinitos jogos de linguagem. Ou seja, a compreensão de realidade e o relacionamento com o cotidiano, suas escolhas e projetos, são mediadas pela linguagem.

Ainda elaborando o tema do diálogo, Kumar (1997, p. 141) considera, a partir do pensamento de Derrida, que não se pode falar de uma subjetividade, mas em configurações ininterruptas, fruto das estruturas dialógicas e suas aporias, em uma pluralidade de vozes que faz da pessoa um texto sempre aberto, plural, capaz de ter muitas vozes, novos acordos, novos significados que podem ser alcançados. Esse jogo de linguagens e significados exige que se percorram não apenas as construções linguísticas contemporâneas, mas, também, as recebidas da tradição, a fim de explicitar suas decisões internas e seus princípios de construção. Só assim é possível retomar os significados fundantes e abrir espaço para o diálogo criativo, ou mesmo para a superação de construções herdadas da tradição.

Essa hipótese nos conduz a repensar o papel das comunidades interpretativas como espaços privilegiados, nos quais a dinâmica dialógica entre as diversas subjetividades acontece e se renova entre seus participantes. Sua lógica interna envolve alteridade e pluralidade, em formas de contratos temporários, abertos à avaliação, revisão e replanejamentos, onde confluem significados velhos e novos significados, em uma dinâmica de desconstrução e novas construções interpretativas.

Outro aspecto nos ajuda a repensar as fontes dessa percepção dinâmica e de movimento incessante: a compreensão de tempo e de espaço. Na reflexão de Giddens, estamos vivendo um novo tipo de relação tempo-espacial, não mais definido pela presença local, mas, sim, pela ausência, vinculando situações localmente distantes e sem interação face a face (GIDDENS, 1991, p. 25-27). As representações de tempo e de espaço tornam-se múltiplas. Podem atravessar a

linearidade histórica e estabelecer outros e novos vínculos interpretativos e culturais. O que ocorre no âmbito das comunidades interpretativas é que estas são, por um lado, protagonistas de um tempo real, reestruturam o cotidiano e os conceitos e fundam novos significados; por outro lado, são afetadas por novas construções, vivendo um processo de construção e desconstrução contínuas (GIDDENS, 1991, p. 42).

Com todos esses dados apresentados por esses pensadores, percebemos que é possível articular o micro e o macro, o local e o global, a tradição e a experiência presente.

Retomemos aspectos relevantes para nossa elaboração:

1. A natureza dinâmica dos tempos modernos (ou/e pós-modernos), com sua característica globalizante e, ao mesmo tempo, de desconstruções e reconstruções;
2. A revisão das doutrinas ortodoxas e as muitas possibilidades de reconstrução e de novas sínteses;
3. A dinâmica comunicativa se dá por intermédio de reflexões e partilhas que têm por base o agir dialógico, intersubjetivo;
4. A presença dos pluralismos, as dificuldades com as diferenças e, por outro lado, a abertura para as relações dialógicas;
5. As comunidades interpretativas com seus novos saberes, novas relações de tempo e espaço e dinamismos próprios.

Essas considerações em muito auxiliam a nossa perspectiva de trazer o tema da mistagogia como eixo e caminho para a espiritualidade, considerando-a não uma dimensão à parte. Na perspectiva de K. Rahner, como referência originária de todo ser humano para com o mistério absoluto, como experiência ontológica e, ao mesmo tempo, dinâmica, de configuração incessante do projeto de humanização de toda pessoa.

4 Um novo processo de reflexão a partir das relações intersubjetivas

A teóloga M. Bingemer, em uma de suas reflexões acerca da modernidade, observa que, em sua gênese, a modernidade instaurou um novo princípio para a ordenação e para a compreensão do mundo: a subjetividade, ou seja, o sujeito humano como medida de todas as coisas, como referência primeira e última (BINGEMER, 1998, p. 19). Nesse primeiro momento, a autonomia do sujeito assume o controle do mundo e das coisas, toma o lugar de Deus como princípio ordenador do mundo. É o sujeito quem ordena a vida social e a vida pessoal. Ao mesmo tempo, descobriu-se parcial, incompleto, não definitivo, e defrontou-se com seus próprios limites, como a ordenação da natureza, a presença do outro nas relações interpessoais, a imprevisibilidade do avanço tecnológico e científico e a busca de transcendência.

Contudo, como já vimos anteriormente, esse paradigma ainda não se esgotou, e vem gerando novas perspectivas para as relações interpessoais e para o relacionamento da pessoa humana com a realidade. A tão proclamada autonomia se vê desafiada pelo aspecto dialógico e, por isso mesmo, a pessoa necessita rever sua forma de pensar a construção da subjetividade, os projetos pessoais e coletivos.

Libanio (1992, p. 23) adverte sobre a importância de ampliar os horizontes estreitos dessa nova subjetividade, desenvolvendo um esforço teórico que consiste em evitar uma compreensão subjetivista ou individualista da subjetividade, em oposição ao social, ao comunitário, ao histórico.

Retomando o pensamento de Giddens, constatamos que a noção de reflexividade torna-se uma categoria normativa, pois concebe o pensamento e a ação em movimento dialógico, constantemente refratados entre si (GIDDENS, 1991, p. 45). As práticas sociais são examinadas e reconfiguradas a partir das informações, também em movimento. Entretanto, não são práticas anônimas, mas são constituídas por seus atores, em permanente relação com seus esquemas conceituais e seus significados.

Giddens prossegue elucidando que, a partir dessa relação dinâmica, as formas de conhecimento de caráter local e a confluência de conhecimentos derivados das informações recebidas e elaboradas no grupo conduzem a novas recombinações locais (GIDDENS, 1997, p. 105). Aquela individualização, própria da primeira modernidade, dá espaço a uma autonomia que se constitui através das relações sociais. Esse é o dinamismo da modernização reflexiva, que envolve a interação constante e ações que vão para além das estruturas, configurando um movimento de autonomia e libertação, de desconstrução e novas reconstruções significativas.

A reflexividade gerada nas relações intersubjetivas implica um relacionamento entre pessoas, entre mundos com significados compartilhados. Para tanto, Lash (1997, p. 149) enfatiza que estão fortemente presentes as trocas simbólicas e identidades partilhadas, que engendram um dinamismo comunitário.

Essa reflexividade não tem por base as estruturas sociais, mas a compreensão das categorias que se integram, das significações compartilhadas em que se fundamentam e se movem. É uma reflexividade hermenêutica (LASH, 1997, p. 199-200). Os sujeitos principais dessa inter-relação são as próprias pessoas, em sua construção pessoal e configuração coletiva, sejam elas cientistas, pessoas comuns, especialistas, em grupos institucionais ou não. É um processo que instaura uma democracia dialógica, a partir das experiências comuns e dos significados comunicados e construídos conjuntamente.

Essa inter-relação entre as pessoas e as sociedades, capaz de reconstruir conceitos e construir novos significados comuns, estende-se a toda a realidade. Ela interpela o olhar científico que se defronta com uma rede complexa de relações entre o pesquisador e o objeto da pesquisa, entre pessoa e meio ambiente, entre as mais diversas linguagens do pensamento e do relacionamento da pessoa humana consigo mesma, com os outros e com o mundo.

Procuramos, até aqui, evidenciar o quanto a perspectiva da intersubjetividade emerge como condição para a compreensão da atual antropologia e de suas relações. Essa característica é também fundamento teológico, remete-nos à dinâmica da Revelação, ao seu eixo dialógico.

Essa integração entre Deus e o ser humano, entre a experiência pessoal e a experiência comunitária, entre a fé-conversão e a práxis mística é uma trajetória mistagógica. A fé não é adquirida automaticamente. Demanda um processo, uma aprendizagem prolongada e identificadora, um itinerário. É entrada no mistério de Deus, sem deixar de viver a existência humana. Em seu estudo sobre os processos de iniciação cristã, o teólogo espanhol Floristán Samanes (1989, p. 217) afirma que fé e prática não caminham isoladas ou em etapas sucessivas, mas caminham juntas, alimentam-se mutuamente, são realidades dinâmicas e abertas ao processo de Revelação, que é vida para cada homem e cada mulher que se abre ao Mistério que lhes é revelado.

5 A teologia dos primeiros tempos

Segundo E. Mazza, a mistagogia foi conhecida na tradição como a explicação teológica do fato sacramental ou dos ritos que compõem a celebração litúrgica, contudo, é muito mais do que um gênero literário ou uma metodologia pastoral-litúrgica. A mistagogia é a teologia dos primeiros tempos (MAZZA, 1988, p. 5).

É verdade que a mistagogia é uma terminologia, mas, para além da demarcação etimológica, devemos estar atentos à riqueza desse conceito central para a iniciação cristã. Vejamos um trecho do especialista T. Federici, no qual ele identifica a grandeza e complexidade da mistagogia para a iniciação cristã:

A mistagogia é toda a Comunidade de batizados e confirmados do único Espírito no único Corpo de Cristo. É a Igreja na sua completude de fiéis novos e contemporâneos que, por se autocompreender dessa forma, se encontra imersa para sempre na realidade da Palavra de Deus. Essa só pode partir da experiência cristã consignada na iniciação, como condição permanente de vida. Não se trata de um complexo de atos e palavras, de gestos e sinais, em determinado momento ritual. É necessária uma atitude permanente de abertura e contemplação do Mistério divino que vem de dentro de cada fiel e de toda a comunidade do povo santo de Deus. Tal caminho é condição de vida, assinalada por uma tensão incessante do Mistério divino, econômico, cósmico, escatológico, que dinamiza uma eclesiologia centrada em uma cristologia pneumatológica, em uma nova antropologia, em um novo modo de ser e de contemplar a realidade existente (FEDERICI, 1985, p. 199).

À luz da experiência mistagógica dos Santos Padres, dos séculos III e IV, percebemos que essa sabedoria pode tornar-se fundamento e princípio orientador para a vivência de uma espiritualidade integradora na dimensão pessoal e comunitária. É relevante, também, a noção mistagógica de itinerário, de caminho progressivo.

A experiência mistagógica nos remete à eterna novidade da dinâmica da Revelação. Mas vai além. A experiência mistagógica fundamenta-se na pedagogia divina que revela Seu projeto de amor com atenção, zelo e respeito pela condição presente de cada pessoa humana.

No entanto, conforme a reflexão relevante de J. Velasco (2002, p. 11-25), não pretendemos excluir os fatos concretos, mas nos posicionar serenamente diante deles, encarando-os não como obstáculos, mas como situações de passagem da sociedade, que nos convidam ao discernimento, ao diálogo, e ao encontro de novos recursos para responder aos desafios igualmente novos que se nos apresentam. É uma postura de quem percebe a modernidade não como uma patologia a ser curada, mas como situação histórica, etapa fecunda, onde se fazem presentes conteúdos e bases propícias para a vivência de uma espiritualidade humanizante.

6 Bebendo nas fontes da experiência mistagógica

Na sabedoria dos Padres da Igreja, a mistagogia é a vida da Igreja, em sua dimensão espiritual, litúrgica, pastoral, contemplativa e escatológica. T. Federici sistematiza essa sabedoria expressa nas obras patrísticas, revelando os vários aspectos que envolvem sua compreensão de mistagogia:

- é fonte de abertura à dinâmica da Revelação;
- é caminho, percurso, trajetória de adesão, crescimento, aperfeiçoamento;
- é participação nos ritos e celebrações litúrgicas;
- é a Palavra acolhida que revoluciona a dinâmica pessoal e comunitária;
- é contemplação orante do Mistério que se revela na história da humanidade;
- é a penetração progressiva até o encontro definitivo com o Mistério de Deus;
- é a Igreja sacramental e caminhante no mesmo processo mistagógico (FEDERICI, 1985, p. 193).

A mistagogia nos Padres dos séculos III e IV é tudo isso, mas é ainda mais. Porque não é um conceito que se esgota nas categorias teológicas. Sublinhamos as duas mãos na dinâmica da Revelação – Deus e a pessoa humana – e, nessa perspectiva, podemos perceber o caráter ativo e criativo desse processo nos contextos pessoais, comunitários, sociais, históricos e escatológicos.

A experiência mistagógica fundamenta-se na pedagogia divina que revela Seu projeto de amor com atenção, zelo e respeito pela condição presente de cada pessoa humana. Nos limites deste artigo, não nos deteremos na análise dos elementos mistagógicos observados na patrística, mas, visando a apontar um caminho místico para nossos tempos, traremos esses elementos como referenciais para as práticas atuais.

É uma experiência que retoma a dinâmica primordial da fé, de encontro com a verdadeira Transcendência. Na sua imensa rede de relações, a mistagogia nos coloca diante da origem da experiência de fé, ou seja, coloca-nos diante de Deus e, a partir dessa centralidade, todos os elementos do processo passam a assumir o lugar

de mediadores, sejam os introdutores, os iniciantes, a estrutura, os instrumentos selecionados, os conteúdos, a comunidade, a sociedade. Os elementos que se articulam em torno do eixo mistagógico, tornam-se não os primeiros agentes, mas os colaboradores do Espírito e responsáveis por auxiliar as pessoas e comunidades a vivenciar a experiência religiosa em suas vidas.

O caminho mistagógico orienta as ações pastorais e pedagógicas diante dos grupos de iniciantes, em uma atitude de atenção e respeito à originalidade de cada pessoa, à sua compreensão dos fatos da fé, à seleção de textos sagrados e adequação da linguagem que favoreça a formação, à utilização de exemplos de vida na orientação da vida moral e cotidiana dos cristãos e de seu testemunho no mundo. Além desse zelo, fruto da atenção à realidade de cada iniciante e do acompanhamento mistagógico, deparamo-nos com a consequência principal dessa postura, que consiste na percepção da fé enquanto dinâmica dialogal e enquanto processo pessoal e histórico.

Outro aspecto nesse caminho mistagógico é o conhecimento de que a mensagem comunicada provoca mudanças na pessoa, transforma o seu ser e o seu agir. Em outras palavras, é uma experiência de fé que se reflete na própria vida transformando a existência e a conduta pessoal.

É um caminho místico, pois não compreende a revelação e a fé como dois momentos distintos, mas como inter-relacionados, um como parte integrante do outro. De acordo com o estudioso da patrística A. Benoit (1966, p. 64), a fé não chega depois de algo ter sido revelado, mas é parte ativa, indispensável, constitutiva da própria revelação. Além disso, a mensagem “ouvida” e compreendida começa a predispor o ser humano a uma mudança nas suas atitudes, no seu ser e pensar diante das mais diversas situações, de acordo com as novas referências que vão configurando sua vida.

A mistagogia é, portanto, um caminho de integração progressiva dos iniciantes na fé e na comunidade religiosa. É meio de conhecimento do processo

pedagógico da revelação e de amor e respeito pela tradição. É diálogo constante, sensível e fecundante com novas respostas e possibilidades.

O teólogo U. Vasquez afirma que, no cerne das orientações dos Padres, encontra-se a vida cristã experimentada como um caminho, no qual somos iniciados por Deus, que é Mistério (VASQUEZ, 2001, p. 7). É oportuno trazermos um trecho das Catequeses de Cirilo aos neófitos no qual ele confirma a vida nova que se inicia para quem acolhe a mensagem salvífica.

Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá, Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui, Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acobardados pelo pecado (JERUSALÉM, 2004, p. 21).

As dimensões de iniciação e de processo pedagógico têm por finalidade introduzir a pessoa na experiência, de modo que ela possa encontrar sua própria identificação e seu ritmo de desempenho.

A atenção à dinâmica mistagógica coloca não apenas o iniciante na perspectiva do “caminho”, mas todos os componentes da ação evangelizadora. Refletindo sobre a orientação espiritual, U. Vasquez (2001) declara que a mistagogia é caminho espiritual que atinge a todos, é experiência na qual todos são iniciados por Deus, que é Mistério (VASQUEZ, 2001, p. 7). Por esse caráter, há um redimensionamento de atitudes e posturas, no qual o centro do processo consiste na abertura à dinâmica do Espírito.

Uma abordagem puramente conceitual, que procure diagnosticar através da lógica a ação evangelizadora, perde sua razão de ser. Em relação ao caminho da mística, M. Maçaneiro (1997, p. 32-33) considera que a pretensão racional dá lugar à acolhida do Mistério na sua simplicidade, imprevisibilidade e desconcertos do cotidiano. A lógica dá lugar à mística, ao processo mistagógico. Os critérios indispensáveis nessa espiritualidade serão aqueles que comunicarem o movimento constante e criativo da experiência do Deus cristão, como, por exemplo, os temas

relacionados ao caminho, processo, diálogo, itinerário, trajetória, aprendizado. Enfim, o ponto de partida e a finalidade da evangelização atenta à mistagogia procurará sempre discernir a caminhada humana e espiritual de encontro com o Deus vivo e de comunhão libertadora consigo mesmo, com os outros e com todo o universo (MAÇANEIRO, 1997, p. 32-33).

Conclusão

Neste trabalho, articulamos reflexões trazidas pela filosofia, pela sociologia e pela teologia, como desafios que os tempos atuais vêm apresentando àqueles que acreditam que a espiritualidade é um elemento fundamental para o projeto de humanização. Sabemos que é um caminho de construções e desconstruções, no qual cada pessoa, grupo e comunidade experimentam situações condicionantes ou de abertura a novas configurações.

Acreditamos que a Mistagogia em muito vem auxiliar a encontrarmos os caminhos para uma espiritualidade que não se reduza ao subjetivismo, mas que construa um processo de abertura, amadurecimento, além de relações de alteridade mais harmoniosas.

Um fator fundamental dessa atitude de resgate da Mistagogia foi constatar, no confronto com a cultura atual – modernidade, pós-modernidade, modernização reflexiva –, muitos sinais de uma nova subjetividade, que traz consigo a gênese de uma dinâmica relacional. Emerge uma subjetividade que considera o ser humano de maneira integrada, em suas muitas dimensões, vivendo em um sistema complexo de relações com o mundo e com as pessoas. É uma subjetividade que se abre para a relação dialógica e que, através das práticas discursivas intersubjetivas, reconstrói seus significados e suas escolhas fundamentais. Nesse sentido, unimo-nos à exortação de J. Libanio, de que estamos diante de um momento privilegiado para a evangelização, no qual a subjetividade está aberta a novas experiências

estruturantes e que se dá conta de que é o encontro com o outro, consigo mesmo e com o mundo que a conduzirá à realização (LIBANIO, 2000, p. 54-55).

A experiência da orientação e formação da espiritualidade vem sendo matéria-prima em nossos tempos. Mais do que buscar novas metodologias que dialoguem com nossos tempos, a Mistagogia nos fala de uma fundamentação antropológica e teológica que resgate sua essência e aponte caminhos pastorais.

Enquanto espaços de iniciação, reflexão e formação, os momentos de orientação espiritual não são fins em si mesmos, são meios. São momentos privilegiados e fundamentais nesse processo, porém, enquanto mediações, necessitam estar atentos e abertos à escuta permanente da dinâmica da revelação na experiência pessoal e comunitária, nos textos sagrados, nos sinais observados na história e nas interpelações que a sociedade apresenta.

A experiência mistagógica vivida nos Santos Padres não é uma proposta defasada em relação à realidade. A crise da fé nos reclama um novo caminho místico, uma espiritualidade integradora. Pede-nos a urgência de uma revisão profunda dos processos de orientação religiosa, da vitalidade das comunidades e do modo concreto de viver as relações religião-mundo e fé-cultura.

Nossa reflexão se propõe a confirmar a importância de um princípio orientador da Igreja dos primeiros séculos, não como uma repetição mecânica de um processo distanciado em muito na história, mas como eixo referencial, como chave de compreensão e de revisão para os tempos atuais. A experiência mistagógica nos lembra que a experiência de Deus não se dá de maneira dispersa, distraída, dissipada no esquecimento sistemático de si mesmo. A mistagogia nos fala de que o encontro com Deus supõe um caminhar, uma existência que caminhe até a centralidade da pessoa, na mais profunda intimidade e, na densidade dessa experiência, o encontro com a mais radical alteridade, a presença de Deus.

Esse processo orienta a pessoa a superar o isolamento, a desesperança na busca pelo sentido da vida, a pretensão de uma realização individual, sem alteridade. Na abertura ao Mistério, o ser humano é convocado existencialmente ao dinamismo dialógico, e é esse mesmo dinamismo que possibilita sua própria realização.

Na mistagogia, encontramos as linhas mestras que favorecem essa dinâmica processual. No entanto, será no diálogo entre as dimensões que participam dessa trajetória que esses aspectos podem ser acolhidos, refletidos, questionados, dinamizados ou recriados. A mistagogia é pedagogia que desencadeia a virtude de acolher o mistério, reconhecer sua presença e dinamismo dentro de cada pessoa, na comunidade eclesial, na história humana, na criação.

É uma experiência que retoma a dinâmica primordial da fé, de encontro com a verdadeira Transcendência. Na sua imensa rede de relações, a mistagogia nos coloca diante da origem da experiência de fé, ou seja, nos coloca diante de Deus e, a partir dessa centralidade, todos os elementos do processo passam a assumir o lugar de mediadores, sejam os orientadores, os iniciantes, a estrutura, os instrumentos selecionados, os conteúdos, a comunidade, a sociedade. Os elementos que se articulam em torno do eixo mistagógico tornam-se não os primeiros agentes, mas os colaboradores do mistério de Deus, e são responsáveis por auxiliar as pessoas e comunidades no desenvolvimento de uma espiritualidade integrada com as demais dimensões da vida pessoal, comunitária, social e cósmica.

Desejamos que esse recaminhar nas fontes e nas raízes da Tradição possa se tornar memória viva para o nosso presente, especialmente para os processos de orientação espiritual.

REFERÊNCIAS

- BECK, U. Autodissolução e auto risco da sociedade industrial: o que isso significa? In: GIDDENS, A. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Unesp, 1997.
- BENOIT, A. **A atualidade dos Pais da Igreja**. São Paulo: Aste, 1966.
- BINGEMER, M. C. L. **A identidade crística**. São Paulo: Loyola, 1998.
- BINGEMER, M. C. L. **Alteridade e vulnerabilidade**. São Paulo: Loyola, 1993.
- BORNERT, R. **Les commentaires byzantins de la Divine Liturgie du VIIe au XVe siècle**. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1966.
- COX, H. **La religión en la ciudad secular**. Santander: Sal Terrae, 1984.
- FEDERICI, T. La mistagogia della Chiesa. In: ANCILLI, E. (Ed.). **Mistagogia e direzione spirituale**. Roma/Milano: Teresianum, 1985. p. 163-245.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GIDDENS, A. vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Unesp, 1997.
- GONZÁLEZ-CARVAJAL, L. **Evangelizar en un mundo postcristiano**. Santander: Sal Terrae, 1993.
- HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus, 1987. v. 1.
- JERUSALÉM, C. Primeira catequese mistagógica aos recém-iluminados, n. 3, In: JERUSALÉM, C. **Catequeses mistagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- KUMAR, K. **Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LASH, S. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: GIDDENS, A. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Unesp, 1997a.
- LASH, S. Sistemas especialistas ou interpretação situada? Cultura e instituições no capitalismo desorganizado. In: GIDDENS, A. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Unesp, 1997b.
- LIBANIO, J. B. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

LIBANIO, J. B. **Eu creio, nós cremos.** São Paulo: Loyola, 2000.

LYOTARD, J. **O pós-moderno.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

MAÇANEIRO, M. **Eros e espiritualidade.** São Paulo: Paulus, 1997.

MAZZA, E. **La mistagogia:** una teologia della liturgia in epoca patristica. Roma: Centro Liturgico Vincenziano, 1988.

OLIVEIRA, M. A. Pós-modernidade: abordagem filosófica. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (Org.). **Teologia na pós-modernidade:** abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003.

QUEIRUGA, A. T. **Fin del cristianismo premoderno.** Santander: Sal Terrae, 2000.

RAHNER, K. **O desafio de ser cristão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1997.

SCHREIBER, B. La mistagogia. In: ANCILLI, E.; PAPAROZZI, M. **La mística:** fenomenologia e riflessione teológica. Roma: Città Nuova, 1964.

VASQUEZ, U. M. **A orientação espiritual:** mistagogia e teografia. São Paulo: Loyola, 2001.

VELASCO, J. M. **La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea.** Santander: Sal Terrae, 2002.